



O Piódão à noite

Terceira Parte

AS LENDAS

- 1 - Piódão e as suas Lendas
- 2 - Lendas da Mina da Fonte do Atalho
- 3 - Mina da Fonte do Atalho e os seus Achados
- 4 - Lenda da Moura Encantada nas Fontes do Bago e o Ouro à orvalhada nas noites de S. João
- 5 - Lenda da Princesinha de Piódão
- 6 - Serras do “Açor” e do “Barreiro” e as suas Lendas
- 7 - Lenda da Corsa, do Javali, o Rei D. Dinis e a Ponte de Vide
- 8 - Fidalgo do Piódão e a sua Lenda
- 9 - Lenda de Pedro Lourenço e o Urso das Colmeias
- 10 - A Lendária e Temerosa “Barroca da Safreira”

AS LENDAS

1- PIÓDÃO E AS SUAS LENDAS

As lendas são uma peça preciosa na história de um povo e das suas aldeias, muito embora haja quem diga que lendas são lendas, mas é através delas que conhecemos a sua história e as suas origens, como é o caso do Piódão em que pouco ou nada há escrito.

Mas, felizmente, Piódão é rico em lendas que passaram de geração em geração desde os tempos mais remotos, nos serões à lareira, nas debulhas do milho e nos trabalhos do campo. Podemos dizer que elas são a história e a alma deste povo.

Muitas delas, são relacionadas com os mouros, mouras encantadas, guardas fiéis de ricos tesouros, escondidos em lugares que até hoje não há notícia de que alguém os tenha encontrado. Esses tesouros foram produto de um grande e intensivo trabalho e, até de escravatura que os mesmos tiveram nesta bacia geográfica do Piódão desde a serra do Açor até Avô, em minas, no leito dos rios e ribeiras, como por exemplo na ribeira do Piódão até Vide, seguindo os rios Alvôco e Alva, tendo chegado segundo a lenda a Digueifel e Vila Cova do Alva.

As lendas falam desse grande trabalho que os mouros realizaram, durante os setecentos anos que permaneceram na Península, e pelo grande espírito trabalhador. Ainda hoje na região do Piódão se usa a expressão “Trabalha como um mouro”. Toda a sua actividade foi dedicada à exploração de metais, principalmente o ouro.

Para o efeito, abriram minas ao longo das serras do Açor e do Colcurinho, entre elas e das quais há conhecimento da sua localização, são seis: duas na serra do Açor, a da Fonte do Atalho e a do monte do Gondufo; já no limite da povoação com o mesmo nome, da qual apenas existe a clarabóia, onde os exploradores de ouro ali fizeram grande escavação; outra no Monte do Colcurinho, nas Covas do Porto Silvado, abaixo das Portas do Inferno, próximo da estrada Penedos Altos – Senhora das Preces; e, as restantes nas margens do rio Alvôco, onde há conhecimento de mais três, uma junto às escavações da Obra e duas no lugar do Parente, próximo de Alvôco de Várzeas, uma de cada lado das margens do rio, das quais ainda hoje se podem encontrar vestígios.

Todas elas tinham clarabóias para a serra ou encostas, dependendo do lugar onde se encontrassem. Essas clarabóias que outrora chamavam “os ouvidos da serra”, tinham a finalidade de dar ventilação e acesso ao interior

das minas, através de uma escadaria talhada na rocha, servindo ainda de posto de vigia ao que se passava nas redondezas.

Os “ouvidos” da serra serviram durante séculos de entretém aos pastores que atiravam pedras para o seu interior, para ouvirem o eco que elas produziam ao cair lá dentro, contribuindo no entanto, para a sua danificação.

Além das minas, também podemos encontrar vestígios dessa exploração no leito das ribeiras e dos rios. Os vestígios dessa actividade ao longo dos cursos de água, começam na Ribeira de Piódão, já no limite de Vide, no lugar dos Moledos, onde existe um sobreiral. Neste lugar encontrava-se até há alguns anos, grande amontoado de pedras roliças que foram retiradas do leito da ribeira. Logo a seguir, no local onde se realiza a feira e mais adiante, em frente ao Silvadal, encontrava-se o maior amontoado de pedregulho que foi retirado do rio. Este último deveria ter sido preservado como valor histórico, mas infelizmente, tem sido o tesouro dos seus proprietários, fazendo a venda daquela relíquia para a construção civil. É com esta falta de interesse local que se vai perdendo o património histórico da nossa região e a deixa cada vez mais pobre.

Seguindo rio abaixo, outros vestígios aparecem em frente ao lugar da Obra, onde ainda são bem visíveis duas escavações, cobertas de vegetação, oliveiras e castanheiros com características bem visíveis de que a lenda nos dá conta. Pois, a lenda diz que para a lavagem das terras neste lugar, os Mouros canalizavam a água da Ribeira do Piódão, no extremo das duas freguesias de Piódão e Vide, a vários quilómetros de distância. Essa canalização começava na foz da bem conhecida Barroca da Safreira, no poço da Bogalheira, debaixo de um grande penedo que se encontrava na ribeira.

Há mais ou menos setenta anos, quando eu e outros companheiros ali andávamos à pesca da enguia, em pleno Verão, fomos surpreendidos com o facto de num certo espaço a seguir ao poço, a ribeira estar seca. Achando estranho o sucedido, seguimos ribeira abaixo até encontrar água, verificámos, então, que um grande caudal de água saía através de um cano de forma quadrada, com cerca de trinta e cinco centímetros de largura, o qual era feito em lajes de xisto.

No prosseguimento da ribeira já não havia vestígios do cano, porque não terá resistido às grandes cheias que o danificaram. No entanto, o caso de a ribeira secar no Verão, também se verificava no Coucedeira que segundo a lenda, dali a água era guiada por uma levada através da encosta do lado

esquerdo, até às referidas escavações da Obra. O nome “Obra” vem precisamente desse tempo.

No curso do rio Alvôco, na povoação do Parente, também existiam grandes amontoados de pedras retiradas do rio. Em Alvôco de Várzeas onde a azáfama dos mouros é bem patente, existem muitos locais planos que em tempos estavam cobertos de toneladas de pedregulho retirado do rio, a fim de ser mais fácil a lavagem das areias e separar o ouro, sendo hoje terras de cultivo. Parte dessas pedras foram retiradas para a construção de muros das propriedades e para a pavimentação da estrada Alvôco de Várzeas – Vide.

Toda esta zona foi palco de grande actividade dos mouros. A testemunhá-lo está a histórica ponte medieval construída por eles, para estabelecer a ligação entre as duas margens do rio com Avô, onde provavelmente tinham o seu comando. Nesta zona de Alvôco, só não conseguiram explorar as voltas do rio porque as águas permaneciam nele até na época do Verão. Por esse motivo, tentaram desviar o curso do rio pela margem esquerda, facto que ainda hoje se pode verificar no local.

Esta obra não pôde ser concluída porque, entretanto, os cristãos iniciaram a Reconquista da Península por volta do século XI, pelo que quando os homens de D. Afonso Henriques, comandados por D. Egas Moniz, chegaram a esta região, os mouros foram obrigados a refugiar-se nas montanhas, onde segundo a lenda tinham uma grande muralha em volta do monte do Colcurinho, já do tempo dos romanos, para defesa e vigia. As minas que até então se destinavam à exploração do ouro, passaram também a ser refúgio dos mouros, sendo a lendária mina da fonte do Atalho a mais importante da serra do Açor, que pela sua dimensão albergava grande quantidade de mouros, os quais eram chamados pelos cristãos de “Serracenos”.

Ali permaneceram durante largos anos, tentando várias vezes conquistar novamente as terras que foram obrigados a abandonar, tendo dado lugar a violentas batalhas com D. Egas Moniz, seu neto Pedro Afonso Viegas e os seus companheiros de armas até serem expulsos definitivamente. Numa dessas renhidas batalhas D. Egas Moniz, já de idade avançada, foi ferido ficando às portas da morte (*).

A propósito da expulsão dos Mouros, diz a lenda que os Cristãos puseram os seus rebanhos de cabras na rua, colocaram-lhe tochas nos cornos e partiram de Avô já alta noite, subiram a encosta em grande algazarra, em direcção à mina da fonte do Atalho. Os mouros ao verem tantas luzes e

* José Garcês, História de Oliveira do Hospital (Banda desenhada).

julgando que se aproximava um grande exército, fugiram em direcção à Beira Baixa. No entanto, é provável que alguns deles tenham ficado para sempre nos profundos vales do rio Ceira.

Foi de todo este contexto que a mina da Fonte do Atalho passou a ser um local lendário, cobiçado por muita gente à procura dos seus tesouros.

2- LENDAS DA MINA DA FONTE DO ATALHO

Após a retirada dos Mouros, vários lugares foram para muitos sonhadores de tesouros locais de atracção, em especial a Mina da Fonte do Atalho onde, segundo a lenda, ali teriam sido deixados grandes tesouros, pelos mouros em fuga.

As lendas destes tesouros chegaram até aos dias de hoje, divulgadas de geração em geração e através de livros árabes, traduzidos em português, chamados “os roteiros” que faziam referência aos locais onde se encontravam os tão falados tesouros, entre eles a mina da Fonte do Atalho.

Esta mina era das mais importantes, tinha várias entradas e saídas para um lado e outro da Serra do Açor, denominadas como já foi referido “os ouvidos da serra”. Hoje, que se conheça, apenas uma está visível, mas muito obstruída a cerca de 80 metros da entrada. Esta situa-se do lado norte da Serra do Açor, precisamente onde se fazia o entroncamento da “estrada romana” no local chamado Fonte do Atalho que lhe dá o nome e onde outrora havia uma nascente de água.

Esta lendária mina despertou, ao longo de muitos séculos, grande interesse aos tais sonhadores de tesouros e, muitos foram os que vieram à sua procura. A busca desses presumíveis tesouros, foi testemunhada por vários pastores que naquelas redondezas guardavam as cabras.

Um desses episódios foi-me contado pela senhora Ana de Jesus, do lugar da Fórnea, em 1992, que contava naquela altura mais de oitenta anos. O acontecimento que vou referir também lhe foi transmitido pelos seus pais e passou-se nos finais do século XVIII.

Quando a sua bisavó, do lugar do Tojo, ainda era pequena e andava a guardar o seu rebanho no Relvão do Tojo, junto à estrada romana, a mais ou menos um quilómetro da mina, chegaram junto dela dois viajantes a cavalo que lhe perguntaram se ela sabia onde ficava a mina da fonte dos Navalhos. Ela receosa, respondeu que não, mas que sabia onde ficava a mina da Fonte do Atalho. Então, eles olharam para um mapa que traziam com eles e

disseram um para o outro: “é essa mesma”. De seguida, encaminharam-se em direcção ao local. Quando chegaram, encontraram outro pastor, um rapaz que também ali andava a pastar as cabras e perguntaram-lhe se ele queria ir com eles ao interior da mina, à perda ou ao ganho. Mas o rapaz com medo, disse que não podia, pois andava ali a guardar cabras de várias pessoas e ao fim do dia tinha que dar conta delas aos donos.

O pastor viu-os entrar na mina, mas não os viu sair. No entanto, no dia seguinte, a bisavó da senhora Ana, andava no mesmo local e viu passar novamente os dois homens do dia anterior, com os cavalos carregados, o que quer dizer que alguma coisa eles encontraram.



Actual entrada da Mina da Fonte do Atalho

Depois dessa altura, provavelmente não terão sido feitas outras buscas, porque a oitenta metros da entrada havia uma clarabóia com uma escadaria para a serra, onde a rocha desabou e obstruiu totalmente o interior da mina, impedindo a entrada.

No entanto, cem anos depois, a grande ambição de exploração dos tesouros da mina da Fonte do Atalho, levou outros sonhadores a serem tentados a entrar no seu interior. Por volta do final do século XIX, um grupo de indivíduos de Alvôco de Várzeas e Avô e, do qual fazia parte José de Moura, das Casas Figueiras, tentaram desobstruir o local, mas num trabalho inútil. Por um lado, o medo de passarem para além daquele lugar, devido às lendas da “moura encantada” e do poço onde os mouros teriam atirado toda a ferramenta e outros objectos que, segundo a lenda, junto do qual ninguém se poderia aproximar, porque seria morto pela moura encantada que estava de guarda à mina. Por outro, o monte que ia caindo da clarabóia impedia-os de ultrapassar aquele espaço; se à noite deixassem aquele local limpo, no dia seguinte voltava a estar entulhado, o que levou ao desânimo dos exploradores.

Ao fim de um mês de trabalho árduo, resolveram abandonar o local, porque no último dia quando regressavam à rua, ouviram um grande estrondo lá dentro, julgando que era a moura encantada, todos se puseram em fuga acelerada.

Estes trabalhos de exploração, foram testemunhados no local pelo meu pai José Fontinha, ainda pequeno, quando ali passou com o meu avô, a caminho da feira do Mont’Alto em Arganil, onde iam vender os bois que o meu avô criava durante o ano.

O meu pai contou-me que, quando passaram no local quis ir ver a mina, tendo o seu pai pedido ao senhor Francisco Romão, um trabalhador de Chãs d’Égua para lha mostrar. Aquele levou o meu pai à mina e lá dentro acendeu um braçado de carquejas, atirando-as para o local onde decorriam os trabalhos, para ver melhor o espaço. Então, o meu pai verificou que havia um grande largo a que eles chamavam salão, tendo do lado direito uma carreira de pelheiras (*) cravadas na rocha, as quais não se sabe que função teriam, se para arrumarem utensílios, se até para dormirem.

A febre da procura dos tesouros deixados pelos mouros continuou alguns anos mais tarde, entre as décadas de 30 e 40 do século XX. Nesta altura, um outro grupo do qual faziam parte Manuel Mucela e um seu irmão, da Cerdeira – Sobral de S. Miguel, documentados com um tal roteiro árabe traduzido em português, mas desta vez pela outra vertente da serra, no limite da Fórnea, foram à procura de uma porta, visto que havia naquele local uma clarabóia a que o povo da Fórnea ainda hoje chama “o Ouvido da Aduela”, ligado também a algumas lendas, de vultos estranhos que os pastores ali viam muitas vezes.

*Pelheiras – cavidades.

Quando havia um “ouvido”, por perto havia sempre uma entrada, os Mucelas convidaram o senhor Manuel Francisco, morador na Quinta do Polvereiro, e grande conhecedor daquela área, dado que ali residia e também com alguma ambição de desvendar aquele lendário segredo da mina da Fonte do Atalho, puseram mãos à obra no sentido de encontrarem a entrada em questão.

Depois de algumas escavações orientadas pelo tal roteiro, encontraram uma parede que tapava a entrada da mina, mas que afinal, não era a entrada com ligação à mina que eles procuravam. Esta mina não tinha continuação e estava cheia de água férrea venenosa, a qual correu até ao rio Ceira e por onde passou, matou todos os peixes. Um dos Mucelas, na ânsia do tesouro, entrou dentro da mina com água ainda pelo joelho o que lhe originou uma doença incurável. Ao fim de tanto esforço, restou-lhes apenas a decepção de encontrarem uma contramina à da Fonte do Atalho, sem continuação, possivelmente ainda em construção, quando os mouros foram expulsos desta zona da Serra do Açor, ou aberta para exploração de algum mineral.

Após esta data, não nos consta que tenha havido outros tentadores da mina da Fonte do Atalho, todavia há muitos curiosos que gostariam de investigar o seu interior.

No entanto, existem outros episódios lendários dos pastores e ainda hoje há quem afirme ter visto passar pelo meio do rebanho um vulto estranho. Um desses acontecimentos foi presenciado pela senhora Palmira Pereira Nunes, juntamente com outras companheiras, entre elas, a senhora Isaura, todas elas da povoação de Fórnea, quando eram jovens e ali andavam a guardar as cabras. Tal acontecimento deixou-as surpreendidas e assustadas.

Muito embora pareça estranho, alguma coisa por ali existiu que mais tarde desapareceu daquele local. Conta-se, ainda hoje, no Porto da Balsa, uma aldeia situada à beira do rio Ceira, a jusante da Fórnea, que por volta de 1940, durante uma grande cheia vinda das vertentes da Serra do Açor, viram passar a boiar na água um estranho vulto, que aquele povo presumiu ser a Moura encantada da Fonte do Atalho.



Interior da mina da Fonte do Atalho

3 - MINA DA FONTE DO ATALHO E OS SEUS ACHADOS

A mina da Fonte do Atalho era realmente, um local de surpresas. Certo dia, quando António Antunes, do Tojo, por ali passava, depois de uma grande trovoadá, viu junto ao caminho a ponta de um objecto redondo. Como era uma pessoa muito curiosa, começou a escavar e deparou-se com uma mó de moinho e sendo ele, um carpinteiro experiente e conhecedor do funcionamento dos moinhos de rodízio (movidos a água), levou-a para casa e colocou-a sobre outra pedra no moinho, tentando moer milho e centeio, mas, para seu grande espanto, a mó não moía cereais.

Então, lembrou-se de experimentar com pequenas pedras e, surpresa das surpresas, a mó moeu mesmo as pedras, daí podermos concluir que era uma mó de moer pedra, que poderá ter servido para separar o ouro no tempo dos Mouros.

4 - LENDA DA MOURA ENCANTADA NAS FONTES DO BAGO E O OURO À ORVALHADA NA NOITE DE S. JOÃO

Esta lenda está associada a Manuel Marques, um homem que vivia na Laranjeira, local à beira da Ribeira do Piódão, próximo da Foz d'Égua, que casou com Maria Nunes do Piódão em 1728. A sua casa ainda hoje a podemos ver no local, apenas com uma janela e no seu interior tem uma lareira funda, tal qual as casas mais antigas do Piódão.

À sua porta, tinha uma grande eira, onde era malhado o centeio e estendido o milho para secar.

Manuel Marques, vivia longe do povoado, era um homem solitário, de excelentes qualidades e muito trabalhador. Foi ele quem semeou o primeiro pinhal no limite do Piódão e plantou ainda vários soutos, tendo sido um deles próximo da fonte do Carriço, ao lado da barroca de Foz Cabreiro, que foram sempre conhecidos pelos castanheiros do Manuel Marques.

O local onde vivia, ficava virado às Fontes do Bago, onde segundo a lenda, a Moura encantada da Fonte do Atalho, punha o ouro à orvalhada nas noites de S. João. Certa noite de S. João, no final de um extenuante dia de trabalho, quando se encontrava sentado na sua eira a descansar, depois da ceia, viu luzir nas Fontes do Bago e foi então que decidiu ir lá inteirar-se do que de concreto se encontrava naquele lugar. Embora tivesse de andar légua

e meia e a noite já ir alta, pôs pés ao caminho, armado de um sacho ao ombro.

Quando ali chegou, surpreendeu-se com o levantar de um estranho vulto, o qual não teve tempo de apreciar, pois apenas teve tempo de lhe atirar com o sacho e dizer: “*Então eu vim aqui por Deus ou foi pelo Diabo?...*” e desatou a correr assustado pela encosta abaixo.

Quando descia o outeiro do Malhadinho, encontrou um morador do Piódão que lhe disse: “*Ó Manuel Marques... Então eu que me levantei tão cedo e tu já vais de volta?!...*” O Manuel Marques contou-lhe o sucedido e o outro muito admirado disse-lhe: “*Que pena não me teres chamado, que eu ia contigo, para trazermos o ouro.*”

Chegado a casa a mulher perguntou-lhe de onde vinha mas ele aborrecido disse para a mulher não o chatear, pois tinha perdido a noite em vão, contando-lhe o sucedido, tendo a mulher respondido: “*podias ter dito que eu ia contigo, levava as minhas contas(*) e tinha feito um bolo ázimo para levarmos e desencantar a moura e nós ficávamos com o ouro*”.

Na Laranjeira continuou a viver, desiludido, da Moura encantada das Fontes do Bago, mas todas as noites de S. João observava o brilho que o local reflectia, crente de que algo ali existia.

5 - LENDA DA PRINCESINHA DE PIÓDÃO

“Quando o grande Sol dava as primeiras pinceladas vermelhas nas nuvens mais altas que atapetavam o pequeno céu de Piodam, a uma princesinha moura, num dos seus repetidos passeios matinais pela serra, para melhor sonhar e compor os seus anseios ou para mais facilmente apagar e esquecer as suas tristezas, deparou-se um cavaleiro cristão, que procurava valhacoito para se esconder durante as horas do dia..

A princesinha, bela, encantadora, e o cavaleiro, novo, esbelto, mal cruzaram os olhares, suspenderam a marcha e, durante segundos, estáticos, absortos, nada puderam dizer ou fazer, tal foi o êxtase, a sensação, que inteiramente os embriagou e aconteceu, não lhes permitindo até aceitarem que fosse agora real a figura tantas vezes composta e vista no «ecran» dos seus mais doirados sonhos de enlevo, e amor.

O cavaleiro, quando retomou a serenidade, disse: - És preciosa, és de

* Contas – terço de rezar.

certeza uma fada encantadora que te escondes neste paraíso maravilhoso para fugires aos muitos que decerto te querem ou para melhor poderes escolher, de entre eles, o que mais te agrada. És linda e pareces a noiva que eu há tanto tempo anseio e procuro! Será verdade? Dize-me peço-te!

A princesinha, ainda mais perturbada e confusa ficou e, sem deixar de olhar de olhos bem abertos, parados, mas penetrantes, quase gaguejando, respondeu-lhe: - Segue o teu caminho cavaleiro, não brinques, não graces, não me desfaças o meu belo sossego, que me dá forças e amparo.

- Esse sossego também eu o acabo de perder, pois o meu coração jamais repousará um só instante enquanto não te desposar, não fores a minha companheira de todos os dias!

- Se nos separa um abismo, uma grande muralha, como poderia eu ser tua?

- Abismo ou muralha encontramos-nos sempre que desejamos mais do que temos, mas quando se quer de verdade, mesmo que o abismo seja muito fundo e negro ou a muralha muito alta, a arranhar o céu, conseguimos vencê-los...

E olhando para o alto e vendo o Sol já a principiar a galgar os píncaros da Serra do Açor, a anunciar o novo dia, o cavaleiro continuou: - Tenho de seguir já o meu caminho, mas quero levar uma palavra tua, escondida no meu coração, em troca destas que te digo: «Juro-te que virei buscar-te com os meus amigos, para te levar ao altar matrimonial e ser teu para sempre!» Promete que me esperas, que aceitas ser minha noiva, que aceitas ser minha!!

Encantada e enlevada, e depois de fechar e tornar a abrir os olhos, ela respondeu-lhe com firmeza: - Sim, esperarei por ti o tempo que for necessário, serei eternamente tua, juro-te! Mas, peço-te, segue o teu destino e sem demora, para que este maravilhoso sonho não seja já desfeito.

Doido de satisfação, de cabeça perdida, abraçou-a e, depois de um longo e ferveroso beijo, cheio de ternura e amor, montou no seu ginete e abalou.

Longos dias, meses e anos se passaram sem que o cavaleiro aparecesse, e a princesinha confiante, certa de que ele havia de cumprir a jura, esperou-o sempre. Nunca deixou de ter, no seu adusto coração, a imagem viva do seu desejado cavaleiro, mas chorava permanentemente, e as lágrimas que lhe afogavam os olhos tristes escorregavam pelas suas gretadas e feridas faces.

De nada lhe valiam as palavras amigas, muitas vezes repetidas, que lhe dirigiam os familiares, para lhe suavizar a sua perpétua dor, e talvez também

a deles, pois já lhes corroíam demasiado os remorsos de terem feito cair na cilada e assassinado, o cavaleiro cristão e os seus companheiros.

Já velhinha, muito mirrada, embora ainda nova, quando o seu coração deixou de pulsar, o povo desta terra vestiu-lhe o fato de noiva que ela própria confeccionara para o seu casamento e, chorando e entoando cânticos tristes, enterrou-a, como ela pedira, no sitio onde encontrara o seu amado e desejado cavaleiro, e onde passara os dias inteiros à espera dele.

E depois a gente passou a dizer, durante longos tempos, que o murmúrio que ouviam nos ribeirinhos que abraçam e emolduram Piódão era ainda o choro da princesinha que neles corriam, permanentemente, as suas lágrimas.”

Esta lenda não era da minha lembrança, foi-me cedida pelo amigo Manuel Lourenço, um piодense residente em Lisboa que a extraiu do Diário de Noticias há largos anos. Este extracto com “A Lenda da Princesinha de Piódão”, terminava com o seguinte: “ – *Esta vetusta e já esquecida lenda, senhor, contou-ma a minha saudosa avó, quando eu era muito pequenina e ela muito velhinha, quando, um dia, ambas fomos para a serra apascentar o gado, mas eu nunca mais a esqueci, e sempre que passo pelos ribeirinhos recordo e penso naquela princesinha moura que morreu de dor só pela maldade dos homens! Vá o senhor também lá aos ribeirinhos ouvir o choro da princesinha e ver correr as lágrimas dessa triste mas fiel noiva eterna.*”

6 - SERRAS DO “AÇOR” E DO “BARREIRO”: SUAS LENDAS

Estas duas Serras, são dos poucos locais da região do Piódão que têm a sua história e as suas lendas ligadas aos Romanos e a Viriato.

De entre os pontos mais altos destas duas montanhas que em tempos faziam parte dos “Montes Herminios”, o Cabeço do Gondufo e o Monte Colcurinho, são dos poucos com alguma referência à passagem dos Romanos por esta região da Lusitânia, em tempos tão longínquos e dos quais a história pouco revela, a não ser “a lenda dos Ataques”.

Esta refere que a jusante do Cabeço do Gondufo, próximo da antiga Catraia das Aguaceiras, onde da Serra do Açor desfila a serra de Cebola, hoje conhecida pela “Serra do Picoto”, se teria dado a grande batalha das tropas romanas, comandadas pelo “General Gondufo”, com Viriato e a sua cavalaria onde este saiu vencedor, com a derrota dos soldados romanos.

Viriato e os seus companheiros, combatiam os Romanos a norte e a sul dos Montes Herminios. Um dia, nas terras que hoje fazem parte da Beira Baixa, na zona de Casegas, os Lusitanos foram cercados pelos romanos. Viriato ao ver-se envolvido naquela armadilha, disse aos seus companheiros que formassem vários grupos e fugissem para lados diferentes, em direcção ao desfiladeiro. Entretanto Viriato, foi atraindo os romanos em sua perseguição, com avanços e recuos em direcção ao local combinado, a fim de dar tempo aos companheiros de ali chegarem. Quando os romanos entraram no desfiladeiro sob denso nevoeiro, o grupo encurralou-os barrando-lhe a saída, e os restantes atacaram das alturas, atirando e fazendo rolar grandes pedras sobre o exército romano.

Este local, onde se deu a batalha do desfiladeiro da serra do Picoto, ficou para sempre conhecido pelos “Ataques”.

Dizia o grande lendário de Chãs d’Égua, Manuel Sousa da Silva, que morreu há pouco tempo, com a idade de 102 anos, que esse histórico acontecimento se deu num dia de nevoeiro e o número de mortos do lado romano foi tão avultado que as ossadas dos cadáveres permaneceram naquele local por muitos anos.

Dizia ainda que tinha ouvido ao seu bisavô que o nome do referido general foi atribuído ao Cabeço do Gondufo como memória do remoto acontecimento, assim como, também à aldeia do Gondufo, situada numa das vertentes deste cabeço que é uma das mais antigas da freguesia de Vide. A mesma já aparece no Cadastro da População do Reino de 1527, com sete fogos e a sua toponímia é típica da Alta Idade Média a qual era designada por “Villa” de Gondulfos, sendo, portanto, um povoamento anterior à formação de Portugal.

A história adianta que Viriato era um célebre pastor dos Montes Herminios, onde passou alguns anos da sua vida, habituado a lutar contra todas as intempéries daquelas montanhas e contra as feras da floresta. Tornou-se um homem de grande valentia e pela sua nomeada, os Lusitanos elegeram-no seu comandante nas lutas contra os Romanos que nesse tempo estavam de posse de quase toda a Lusitânia sem contarem com a valentia e bravura dos Lusitanos.

Durante os oito anos que Viriato chefiou os Lusitanos, foram várias as batalhas que travou com os Romanos, vencendo sempre todos os exércitos que Roma lançou no seu encalço. Depois da batalha dos Ataques, desceu à terra chã, passou por terras de Avô, Lourosa e Bobadela onde os romanos tinham grande concentração e poder de domínio, expulsando-os para além

das margens do rio Mondego, chegando até às terras de Viseu e Cabanas, onde lhe ergueram estátua em memória do grande guerreiro lusitano que ele foi. Em Viseu ainda hoje existe “a cava de Viriato”, considerada monumento nacional.

Para os Romanos, a paz era condição necessária para o desenvolvimento económico do território. Como viam que não conseguiam derrotar Viriato com os seus exércitos, subornaram três embaixadores de Viriato que o mataram à traição enquanto dormia.

A resistência dos Lusitanos durou muitos anos, e a luta manteve-se mesmo depois da morte de Viriato.

De qualquer modo, os Romanos estavam de posse das terras mais baixas e produtivas e os lusitanos iam sendo empurrados para as terras pobres das montanhas. Daí a grande repulsa deste povo que durante séculos lutou contra os Romanos numa luta infernal. Os Montes Hermínios eram a grande barreira entre o norte e o sul da Lusitânia, senão o grande obstáculo de ligação entre as duas partes, porque os Lusitanos aproveitavam as montanhas, os desfiladeiros e outros acidentes naturais para montar armadilhas e emboscadas aos Romanos, o que tornava difícil o seu avanço.

À medida do avanço das conquistas, os romanos iam construindo as grandes vias da Lusitânia, entre elas a tão falada estrada romana que atravessa a Serra do Açor, designada pela “Via do Sal”, onde ainda hoje há vestígios dela, como já foi referido, salientando-se as profundas recravas na rocha feitas pela circulação dos carros das tropas, dos funcionários do Império, dos exploradores das riquezas regionais e dos mercadores ao longo de séculos.

A vasta rede viária criada pelos Romanos, tinha o seu início em Roma, ali se cruzavam todas as vias do Império, em todas as direcções, daí que é comum dizer-se “todos os caminhos vão dar a Roma”. A construção desta grande obra só foi possível, devido às legiões de escravos que seguiam nos poderosos exércitos de Roma, os quais eram dotados de amplos conhecimentos de engenharia.

Em Portugal existem variados vestígios dessa obra viária, os quais têm resistido à acção do tempo e dos homens, sobretudo as calçadas, algumas pontes e aquedutos. No contexto da referida estrada romana da Serra do Açor, fazem parte as calçadas romanas de Lourosa – Vila Pouca da Beira; Avô – Aldeia das Dez; e Avô – Anceriz.

Quanto ao “Monte do Colcurinho”, a lenda apenas refere que o seu topónimo se deve ao nome de um General chamado “Colcurinho” que comandava um exército romano. Também diz a lenda que ali terá sido construída uma muralha como posto de observação e defesa de ataques inimigos e que a mesma terá sido destruída ao longo dos séculos pelos pequenos pastores que se entretinham a mandar “galgas”(*) pelas encostas abaixo.



Mapa das vias Romanas da Beira - Serra

* Galgas - Lançar pedras a rolar.

7 - LENDA DA CORÇA, DO JAVALI, O REI D. DINIS E A PONTE DE VIDE

A Corça é um animal bravio, mamífero ruminante, fêmea do veado vermelho, também conhecido na Península Ibérica por “veado real”, alimentava-se do mesmo pasto que a cabra, animal muito frequente nos Montes Hermínios, na zona de Piódão e de Vide. Durante a Primavera e o Verão, andavam nas serras, descendo às terras baixas no Inverno que eram abrigadas dos ventos fortes e frios da montanha e onde predominava o alimento.

Dada a situação geográfica de Vide, esta era mais procurada pela corsa, na zona da Senhora do Calvário, onde existia uma densa mata, semelhante a uma reserva, chamada a Tapada, mas nem ali escapava à tentação dos caçadores.

Entre eles, o rei D. Dinis que vinha ali fazer as suas habituais caçadas, nesta bacia geográfica de Piódão e Vide, onde predominavam para além da corça, o javali e o já falado urso pardo.

D. Dinis era muito apaixonado por esta região, chegando a ter casa em Vide, situada na margem esquerda do rio Alvôco, para habitar com a sua comitiva de caçadores. Dessa casa ainda hoje lá existem as suas ruínas, conhecidas pela casa de D. Dinis. Contudo, é uma relíquia de um passado histórico que ainda hoje anda nas lendas do Piódão, acerca da ponte de Vide e a caça ao javali.

D. Dinis quando aqui caçava dedicava-se à caça grossa, principalmente do javali. Este animal, ao contrário dos outros, alimentava-se principalmente durante a noite, permanecendo escondido nos matagais ou encovado durante o dia, pelo que era necessário fazê-lo movimentar-se. Para o efeito, D. Dinis mobilizava o povo das redondezas de Piódão e Vide para fazerem a batida aos javalis. Começavam a descer do alto da serra, em grande algazarra e ao toque de trombetas que com a ajuda de matilhas, paus e sachos, obrigavam os javalis a descer ao rio, na zona de Vide, onde D. Dinis e a sua comitiva de caçadores os esperavam.

Certo dia, um javali, vindo em grande velocidade, passou pelo meio dos caçadores e atravessou o rio para a outra banda. D. Dinis decepcionado pela fuga da presa, disse às pessoas que o rodeavam: “*Vejam bem... se aqui tivéssemos uma ponte ele não escaparia...*”. Deste episódio acontecimento, surgiu a ideia de construir a ponte de Vide que ainda hoje lá

está, suportando o embate das grandes cheias invernosas que por ali têm passado, ao longo de cerca de setecentos anos

8 - O FIDALGO DO PIÓDÃO E A SUA LENDA

No Piódão sempre se falou do fidalgo, como também do chão do fidalgo situado no Souto Escuro, junto à ribeira. Este fidalgo, teria gerado alguma confusão com o fidalgo Francisco Tavares e Carvalho, já referido, que levou alguém a imaginar que ele seria o fidalgo do Piódão.

Houve realmente um fidalgo no Piódão, tendo ali vivido, não se sabendo ao certo por quantos anos, nem a data exacta em que tudo aconteceu, no entanto, deixou uma frase que ainda hoje é muito usada no Piódão e aldeias circunvizinhas a título de graça, em que terá dito: “*que linda terra era Coimbra, mas para cagadoiros, não havia como o Piódão*”. Realmente, no Piódão, tudo dava prazer na vivência quotidiana, pois os cagadoiros eram comunitários à volta da povoação, onde as necessidades eram feitas sem receio ou vergonha uns dos outros, o que revela a simplicidade deste povo. Talvez tenha sido uma das opções para o fidalgo viver no Piódão, dado que em Coimbra não havia essa vivência comunitária.

A razão do fidalgo ter vivido no Piódão foi devida a umas terras que ele adquiriu em hasta pública, em Coimbra, cujo proprietário era do Piódão e as deixou ir à praça por não ter pago o seu contributo ao reino ou ao clero.

Após ter todos os documentos e não sabendo qual era a grandeza das propriedades, veio ao Piódão tomar posse das mesmas. Uma delas, situava-se no Souto Escuro, era composta de várias terras de cultivo e mato, incluindo o dito chão ao qual ficou ligado o seu nome de fidalgo.

Para além da lenda, não há mais nada que nos habilite a certificar o seu passado, no entanto, presume-se que o fim do fidalgo no Piódão já se tenha dado depois da construção da igreja desta aldeia, visto que após a sua morte, os seus descendentes se desfizeram de tudo quanto o fidalgo ali lhes tinha deixado, tendo um deles vendido a sua parte e o outro doou as suas terras à igreja que foram elas as já mencionadas terras do Souto Escuro, que ainda hoje são pertença do domínio religioso e paroquial da igreja.

9 - LENDA DE PEDRO LOURENÇO E O URSO DAS COLMEIAS

Pedro Lourenço, teve a sua existência no século XVIII, pertenceu à família dos primeiros Lourenços do Piódão, e era descendente do Manuel Marques da Laranjeira. O lendário acontecimento do qual o povo vem falando ao longo dos séculos, terá acontecido em meados do século XVIII.

Certo dia, Pedro Lourenço andava no Cabecinho Cimeiro, nas imediações do Piódão Velho e ao olhar para os lados da Foz d'Égua, viu o maldito urso com uma colmeia nas garras para ir afogar no Ribeiro do Muro, para depois fazer dela uma deliciosa refeição.

Pedro Lourenço, ao ver aquele disparate, e sem imaginar o que iria acontecer, gritou lá do alto e disse: “*Ó lambão, come-as todas...*” (frase muito usada no meio popular do Piódão).



O bardo do Muro que protegia as colmeias do ataque dos ursos, no seu interior ainda hoje existem as colmeias

O urso, ao ouvir o eco da voz de Pedro Lourenço, olhou para o cimo do monte e vendo-o na ponta do Cabecinho, largou a colmeia e pôs-se a correr pela vertente da encosta, para ir ao seu encontro, pois ele seria uma refeição mais abundante do que o cortiço do mel.

O Pedro ao ver a fera em grande correria na sua direcção, desatou a correr em direcção ao Piódão e só escapou de ser devorado por aquela terrível fera porque, entretanto, surgiram várias pessoas do outro lado da ribeira que ao verem o urso em perseguição do Pedro, começaram a gritar dizendo: “*Foge Pedro Lourenço que ele já vai ao Souto Escuro*”. E, o Pedro corria. Mais adiante, voltaram-lhe a gritar: “*Foge Pedro que ele já vai na Verdumeira.*” Quando chegou à Foz Cabreiro, já cansado e quase apanhado, mal teve tempo de se esconder num dos currais que se encontravam ao Moinho-Velho. O urso não dando por isso continuou a sua correria em direcção à serra, livrando-se assim o Pedro Lourenço de morte certa, pois, nesse tempo o Urso Pardo era um dos animais mais perigosos e predadores da Península Ibérica e como as armas de defesa das populações eram escassas, o melhor meio de protecção era a fuga.

Este animal, frequentava as zonas mais montanhosas, como era o caso da área circundante ao Piódão, onde a apicultura era e é, uma das principais actividades destas populações. Para protegerem os seus cortiços e o seu delicioso mel, da fúria insaciável do urso pardo ou “urso das colmeias”, os apicultores desse tempo, viram-se obrigados a construir cercas em pedra.

O bardo do Muro, em Foz d'Égua, é um exemplo dessas construções que perdurou através dos tempos, sendo hoje um monumento vivo da apicultura, único na região, sendo por isso digno de ser preservado, dado que ainda se encontra em actividade. O povo diz que esta relíquia histórica foi edificada pelos antigos “Fontinhas” desta localidade, pertencendo ainda hoje aos seus descendentes.

10 - A LENDÁRIA E TEMEROSA “BARROCA DA SAFREIRA”

A Barroca da Safreira fica situada no extremo das freguesias de Piódão e Vide, no limite de Foz d'Égua e Casas Figueiras, respectivamente.

Esta barroca, em tempos era atravessada pelo caminho Piódão - Vide, principal elo de ligação entre as duas freguesias. Era através dele que os povos da Serra do Açor iam todos os meses à feira de Vide e onde havia a estrada mais próxima para uma emergência. Este secular caminho,

praticamente desapareceu, assim como o “medonho” da barroca, pois hoje é atravessada pela actual estrada municipal que liga os concelhos de Arganil e Seia.

As suas lendas vêm de tempos bem remotos. Era um local tão temido e falado que as pessoas até durante o dia tinham medo de ali passar sozinhas. Mas, o problema maior era depois do pôr-do-sol, pois segundo a lenda, as pessoas eram ali confrontadas com estranhos vultos, muitas vezes com homens gigantes de chapéus enormes que se atravessavam no caminho na frente das pessoas e estas aterrorizadas tinham que voltar para trás, regressando no dia seguinte depois do nascer do Sol.

A testemunhar esses estranhos confrontos, ainda recentemente ouvi contar a Abel Custódio, de Chãs d’Égua, que certo dia o seu pai ao regressar a casa, vindo de Vide, já altas horas da noite, lhe surgiu na sua frente um estranho vulto que não conseguiu identificar. Como era um homem destemido, disse ao vulto: “*Arreda-te daí fantasma, se não eu espeto-te,*” o fantasma desapareceu e ele passou.

Mas, houve outras pessoas que foram arrastadas para a ribeira, entre eles Manuel Fontinha, da Foz d’Égua. Ilídio dos Santos Portugal pároco da freguesia do Piódão, na década de cinquenta, foi outra das vítimas, também ali foi confrontado com o estranho vulto, quando certo dia por ali passava depois do anoitecer. O seu cavalo de orelhas afitadas estacou e recusou-se a passar no local, o padre apeou-se, agarrou nas rédeas e puxou-o, mas, este levantou-se em píncaros e nem as chibatadas no lombo o fez avançar. Desanimado, regressou a Casas Figueiras onde pernitoiu.

Em dia de Reis de 1946, aconteceu outro caso misterioso, pois ali apareceu morta Nazaré dos Anjos, das Casas Figueiras, cuja morte não foi desvendada.

Quarta Parte

– PIÓDÃO, AS TRADIÇÕES E AS SUAS GENTES –

- 1- Rituais e Crenças Religiosas
- 2- Magias, Resposos e Terapias
- 3- Outras Tradições, Usos e Costumes
- 4- Figuras Carismáticas e Personalidades do Piódão
- 5- Os Amigos do Piódão